

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
IN MEMORIAM SEAN CONNERY
5 e 7 de Janeiro de 2021

ROBIN AND MARIAN / 1976
(A Flecha e a Rosa)

Um filme de Richard Lester

Realização: Richard Lester / Argumento: James Goldman / Direcção de Fotografia: David Watkin / Design de Produção: Michael Stringer / Cenários: Gil Parrondo / Guarda-Roupa: Yvonne Blake / Música: John Barry / Som: Roy Charman e Gerry Humphreys / Montagem: John Victor Smith / Interpretação: Sean Connery (Robin Hood), Audrey Hepburn (Marian), Robert Shaw (xerife de Nottingham), Richard Harris (Ricardo Coração de Leão), Nicol Williamson (Little John), Denholm Elliott (Will Scarlett), Kenneth Haigh (Sir Ranulf), Ronnie Barker (Frei Tuck), Ian Holm (Rei João), Esmond Knight, Kenneth Cranham, Victoria Abril, etc.

Produção: Columbia Pictures – Rastar Pictures / Produtor: Denis O'Dell / Cópia: digital, cor, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 106 minutos / Estreia em Portugal: Trindade (Porto), a 29 de Abril de 1977.

Richard Lester filmara na década anterior os grandes arquétipos duma cultura popular “jovem” que começava a tomar o mundo de assalto – foram os filmes com os Beatles, **A Hard Day's Night** e **Help!**, ainda e sempre os pontos altos da carreira de Lester, realizador nascido na América mas, e também muito por causa desse seu trabalho com os “fab four”, britanicamente aculturado. Para o bem e para o mal, esses filmes são o ponto mais alto na curva da carreira de Lester, lançando uma sombra sobre praticamente tudo o resto que ele fez. A relação foi simbiótica, e Lester nunca a renegou – no princípio dos anos 90, quando Paul McCartney quis estrear um filme que registasse um concerto seu, foi de Lester que se lembrou para assumir as rédeas da realização (foi **Get Back!**, estreado em 1991, e à data o último filme dirigido por Lester, não sendo de crer que aos 89 anos e após três décadas de inactividade venha acrescentar mais um tomo à sua filmografia, que se assim concluiu numa espécie de fecho do círculo: o realizador que “veio” dos Beatles aos Beatles – ou à sua memória – voltou para uma coda de final de obra).

Com o parágrafo anterior queríamos ressaltar duas ideias. A primeira, e mais evidente, sobre a dificuldade em caracterizar a obra de Lester, grande parte dela hoje a morar num esquecimento (com provável excepção de **Petulia**, com Julie Christie, ainda um filme muito no espírito dos sixties, e portanto com um valor “sociológico” periodicamente lembrado) cuja justiça ou injustiça poucos estarão em posição de aferir – dado que, como é do esquecimento, os seus filmes deixaram de ser moeda corrente no câmbio cinéfilo mundial e, fora as excepções e pontos altos, raramente são vistos e analisados. A segunda ideia, que já nos introduz mais a **Robin and Marian**, tem a ver, em primeiro lugar, com essa “anglicização” de Lester (poucas mitologias mais “britânicas” haverá do que a saga de Robin dos Bosques e companhia), e depois, com a coerência com que, num período dos anos 70, Lester se atirou a grandes mitos (ou grandes narrativas) da tradição europeia: antes de **Robin and Marian**, nos primeiros anos da década de 70, dirigira dois filmes – que aliás a memória guarda como bastante divertidos, bastante refrescantes – sobre as aventuras dos Três Mosqueteiros, personagens de Dumas a que voltaria uma terceira vez, no final da sua carreira (**The Return of the Musketeers**, em 1989, o seu derradeiro filme de ficção), para mais outra espécie de fecho do círculo. Portanto, e como exercício de contexto “autoral”, **Robin and Marian** nada parece ter de “excêntrico”, antes correspondendo coerentemente ao que naquela época parecia ser uma preocupação do cineasta.

Claro que há um “twist”: tudo, nesta revisitação de Robin dos Bosques, se passa *depois*. Depois dos tempos áureos, depois da lenda, e - se aceitarmos que as principais encarnações cinematográficas da personagem foram as americanos – depois de Errol Flynn. Não será, este último, um pormenor despreciando, os anos 60 e os anos 70 foram épocas de “crise da lenda”, foi o tempo, por exemplo por demais gritante, do “revisionismo” do western, e da interrogação dos fundamentos lendários do que até então não fora, na sua aura mitológica, questionado. **Robin and Marian**, até certo ponto, confere, mesmo se não há aqui nada de “revisionista” no sentido político que alguns westerns configuraram – ou até haverá, nalguns detalhes, por exemplo o semi-enlouquecido (pelo poder) Ricardo Coração de Leão, quase expressionisticamente interpretado por Richard Harris, e que talvez seja a maior contorção (ou distorção) operada pelo olhar de Lester. Mas, ao mesmo tempo, e justamente pelo princípio narrativo (que mais do que interrogar a “lenda”, a projecta para um tempo “pós-lendário”), é com certa surpresa que aquilo que **Robin and Marian** mais nos faz lembrar são os filmes, bastantes posteriores, em que Clint Eastwood, com intenções não muito diferentes, fez o retrato do herói *envelhecido* em luta com um tempo que já entende o “heroísmo” da mesma maneira – **Unforgiven**, evidentemente (e onde, por coincidência, também entrava Richard Harris), mas ainda, noutra universo, um filme como **Space Cowboys**. Que lugar há para os heróis uma vez passada a pujança da juventude?...

Desejam, responde **Robin and Marian**, um pouco mais de sedentarismo. Todo o filme de Lester está eivado de uma aspiração pelo fim das correrias e das aventuras. O final, muito bonito – Sean Connery e Audrey Hepburn estendendo a mão um para o outro como se imitassem os gestos das mãos de uma famosa pintura de Miguel Ângelo, depois a seta disparada para o ar através da janela – exprime isso perfeitamente (antes de cair o genérico sobre a imagem de uma mesa com várias maçãs já fora de prazo, menos uma que aparenta um vigoroso amarelo). Se há sequências de acção, e bastantes, filmadas por Lester com aquele sentido físico que conhecemos bem dos filmes dos Beatles (Lester podia ter sido, e se calhar até foi, um pequeno Tashlin), são as sequências de *inacção* que mais se destacam. As cenas de repouso, às vezes ofegante, as cenas de uma normalidade imaginada, num período pós-convulsões; e, sobretudo, as cenas intimistas, as que reúnem, para um renovado e derradeiro bailado nupcial, as envelhecidas personagens de Robin e Marian, mais do que uma vez no meio de bosques e de um ambiente de paz bucólica. Connery e Audrey Hepburn são inexcedíveis de graça e subtileza nessa espécie de “comédia do re-casamento” que, no fundo, é o fulcro romântico do filme. E se mais não houvesse, vê-los aos dois a reconquistar a intimidade já seria razão de sobra para não se perder **Robin and Marian**.

Luís Miguel Oliveira